

# Índice

*Legendae, vitae, flores:*  
formas e conteúdos da hagiografia  
em Portugal na Época Moderna

NUCLEO DE PERIODICOS

FLUP-BIBLIOTECA ( )



\*777799\*

Geraldo Coelho Dias, *Hagiografia e iconografia beneditinas.*  
*Os "Diálogos" do papa S. Gregório Magno* .....

pág. 7

A vida de S. Bento (480-547), escrita pelo papa S. Gregório Magno (†604) no "II Livro dos Diálogos" não é uma biografia de rigor histórico. É, antes, uma narrativa exemplar onde, dentro do género literário hagiográfico, à luz de modelos c estereótipos bíblicos, se pretende propor um exemplo concreto de perfeição cristã e um estímulo de santidade. Claro que o autor não inventou a personagem e até aduz testemunhas directas. Todavia, ao gosto da época, encheu a vida do Patriarca dos Monges do Ocidente de pequenas narrativas, em que a intenção didáctico-pragmática é evidente. Bento é um "homem de Deus, cheio de espírito de todos os justos" e, portanto, um paradigma de perfeição. Dentro destes parâmetros se faz a análise da hagiografia, segundo os "Diálogos", e da sua iconografia, sobretudo a partir das célebres gravuras da obra de Angelo Sangrino (1586), que inspiraram tantas obras de arte e sobretudo os painéis de talha dourada policromada (1716-19) do coro-alto do mosteiro de S. Bento da Vitória, Porto.

Maria de Lurdes Correia Fernandes, *História, santidade e identidade. O Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso e o seu contexto* .....

0080  
pág. 25 *via*

O *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso é um dos grandes monumentos da cultura portuguesa do século XVII. Elaborado com o intuito confessado de inventariar todas as "vidas" de santos, beatos, veneráveis, "varões" e mulheres "ilustres em virtude" de "Portugal e suas conquistas" que o tempo ia deixando "sepultadas no esquecimento", este *Agiologio* apresentou-se também como uma obra que pretendia elogiar os "santos da Pátria" para que os portugueses tivessem a quem imitar e os "estrangeiros" vissem – em datas muito significativas... – que Portugal era uma "Pátria de santos", ou seja para que a "santidade" fosse também um signo identificador da "Pátria". Apesar de esta obra ter ficado incompleta – só foi parcialmente continuada no século XVIII por D. António Caetano de Sousa – do imenso trabalho do seu autor resultou, como se pretende mostrar neste estudo, uma obra de consulta imprescindível para o estudo não só do fenómeno da santidade em Portugal até ao século XVII, mas também múltiplas outras facetas da vida religiosa, social e até política desses tempos.



António Pestana de Vasconcelos, *Os santos das ordens militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso* ..... pág. 69

Este artigo faz um breve estudo sobre a vida virtuosa e venerável de alguns "santos" das ordens militares incluídas no *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso. Pretendeu-se colocar em evidência os princípios pelos quais se regeu o autor na apresentação das vidas dos membros das ordens militares e chamar a atenção para vários aspectos biográficos - temporais, espirituais e milagres - que permitiram a sua indexação.

José Adriano de Freitas Carvalho, "Vida e Mercês que Deus fez ao venerável D. Leão de Noronha": *Do santo de corte ao santo de família na Época Moderna em Portugal* ..... pág. 81

Tendo entrado na Ordem de S. Francisco, D. Leão de Noronha (1500-1572) foi levado a abandonar o noviciado em aras à sucessão da casa de seu pai. Casado, pai de filhos, praticando uma intensa vida de oração, vivendo na rota espiritual dos dominicanos de Lisboa - Fr. Luis de Sottomaior, O.P., o célebre exegeta, dizia o santo - pôs toda a sua fortuna ao serviço dos pobres e ele mesmo os atendia e curava por suas mãos. E tudo isto sem renunciar a viver como grande senhor e, consciente da sua prosápia familiar, a afirmar os seus privilégios. A sua inédita biografia, incluindo os milagres que fez em vida e que o consagraram como um santo vivo, foi escrita, cerca de 1623 por Jerónimo de Melo Coutinho, marido de uma sua neta. Nela se propõe o hagiógrafo preservar a *fama sanctitatis* de d. Leão, mas também apresentar um modelo de santidade "aos professores do estado de casados". Aqui ensaia-se uma interpretação das afirmações, sugestões e silêncios dessa hagiografia destinada, antes de mais, aos descendentes do "venerável D. Leão".

Pedro Vilas Boas Tavares, *Caminhos e invenções da santidade feminina em Portugal nos séculos XVII e XVIII. (Alguns dados, problemas e sugestões)*..... pág. 163

Neste trabalho, a partir de dados e exemplos concretos, predominantemente do mundo social feminino, patenteia-se a conexão entre o fenómeno de crescente procura da santidade no século XVII e primeira metade do XVIII e a divulgação da oração mental e da contemplação no mundo dos leigos. Face a este fenómeno e concomitantes receios de degradação da vida espiritual, evoca-se a acção de aviso, discernimento e repressão das autoridades eclesiásticas a quem competia promover a "verdadeira santidade" e perseguir a "falsa", evidenciando-se que, não obstante a importância numérica e social de "terceiros" e "beatos", a passagem do tempo não ficou marcada pela afirmação de uma espiritualidade laical específica e autónoma, mas pela continuada atracção e prevalência dos modelos religiosos e claustrais.

Maria Idalina Resina Rodrigues, *Hagiografia e teatro: os discutíveis méritos de um Auto de Santo António* ..... pág. 217

Do *Auto de Santo António*, censurado pela Inquisição em 1624, de Afonso Álvares, passam-se em revista as fontes hagiográficas – tratadas, quase sempre, com desenvolta, mas amável, sem-cerimónia – e estudam-se as devotas orações que o autor "inventa", o significado da luta entre o Anjo e o Demónio no contexto da vocação religiosa antoniana, e, finalmente, teatro no teatro, o "introito" do Representador em que já se traça o perfil milagreiro do santo.

Isabel Morujão, *Poesia e santidade: alguns contributos para uma percepção do conceito de santidade, a partir de duas biografias devotas de religiosas do sec. XVIII português* ..... pág. 235

A partir da análise de duas biografias devotas do século XVIII, que apresentam a particularidade de incluírem, na sua segunda parte, a produção poética de monjas em questão, a autora procura explicar a funcionalidade dessa inclusão nas obras em causa e mostrar de que modo os dois relatos propõem uma articulação entre poesia e santidade. Aventa-se assim a hipótese de que a percepção selectiva dos sinais de santidade, pelos contemporâneos das religiosas em causa, se operasse também em função de um determinado tópicio poético.

## Notas

José Adriano de Carvalho, *Uma carta de D. Maria de Portugal, Princesa de Parma e Piacenza* ..... pág. 263

## Recensões

Maria Lucília Gonçalves Pires, *Xadrês de Palavras. Estudos de literatura barroca* (J. A. Carvalho) 271; Francisco Javier Lorenzo Pinar, *Beatas y mancebas* (P. Tavares) 274; Pierre Civil, *Image et dévotion dans l'Espagne du XV.e siècle: le traité Norte de Idiotas de Francisco de Monzón* (M. L. Fernandes) 277; Pinharanda Gomes, *Dom Manuel Martins Manso, Bispo do Funchal e da Guarda (escritos pastorais)* (P. Tavares) 279; Marc Fumaroli, *L'école du silence. Le sentiment des images au XVII.e siècle* (L. Fardilha) 282.

Crónica ..... pág. 299